

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 509	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	38000	18900	6950	2120	II DE FEVEREIRO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	48000	24000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	58000	28500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Lisboa e com Lisboa o paiz inteiro foi ha dias lugubrememente surprehendido e profundamente emocionado pela noticia d'um horroroso crime, commettido ao cahir da tarde, ás portas da cidade, ainda dentro da nova área d'ella, e revestido d'uns requintes de ferocidade brutal, de cruel selvageria, como felizmente, raros figuram nos annaes da criminalidade portugueza contemporanea.

A dois passos d'um dos bairros mais populosos da Lisboa, o bairro d'Alcantara, na Serra de Monsanto, que de Bemfica vae dar á Ajuda, serria que constitue um dos passeios mais pittorescos, que ha na cidade depois é perfeitamente deslumbrante o panorama que do alto d'essa serra se divisa, ha uns covões, umas especies de furnas, umas galerias subterraneas, que servem de guarda nocturna a vadios e ratoneiros e que tem todo o aspecto d'um scenario de antigo melodrama do Principe Real ou de velho romance tenebroso de aventuras horripilantes de fascinatoras e de salteadores.

Na quarta feira 1 do corrente uns rapazes andando á caça de coelhos naserra do Monsanto entraram n'um d'esses covões, uma especie de poço, por onde se entra por uma rampa muito ingreme, que vae dar a uma pequena galeria subterranea, a oito metros abaixo do nivel do terreno e recuaram espavoridos.

No meio do covão estava deitado o cadaver d'uma mulher horrivelmente golpeado, banhado em sangue.

Dada immediatamente participação á policia d'esse funebre achado, a policia foi ao local do crime e encontrou-se em frente do cadaver d'uma mulher desconhecida, morta já ha dias, crivada de facadas, dezenove se me não engano, facadas, muitas dos quaes o primeiro exame medico, reconheceu logo terem sido feitas já depois de morta a victima.

Quem era essa mulher? Ninguem sabia. Era

uma mulher dos seus vinte e tantos annos, mais feia que bonita, vestida pobremente de chita, roupas muito lavadas, muito arranjadas, mas extremamente modestas, que denunciavam mulher de baixa esphera, creada de servir, operaria de fabrica ou coisa parecida.

Signaes particulares havia apenas um — era cega do olho esquerdo. No seu trajó havia tambem uma singularidade que podia servir de indicação. Calçava botas arranjadas de novo; mas ambas da mesma fôrma, da fôrma do pé esquerdo.

Era muito vago este indicio, ainda assim havia n'elle alguma esperanza, á falta de melhor.

Logo no dia immediato de manhã descobriu-se um sapateiro que dias antes tinha arranjado umas botas n'aquellas condiçoes para uma fregueza. Julgou-se estar na pista do reconhecimento da identi-

dade da victima. Procurou-se essa fregueza. Era uma criada de servir d'uma casa da rua de S. Bento e estava de perfeita saude. Esse indicio não de- rra nada.

E sem se saber quem era a mulher assassinada era impossivel descobrir quem fôra o assassino, e como não parecia facil saber se quem ella era, julgou-se que esse crime nunca sahiria do denso mysterio que o envolvia e que lhe dava o colorido estranho d'um crime rocambolesco, e ao abalo profundo que a descripção da morte horrorosa da victima causou em toda a gente, correspondeu immediatamente o pezar enorme d'essa morte ficar impune, pela impossibilidade de se descobrir o seu auctor.

Felizmente não foi assim, mercê da intelligencia e do zelo do commissario de policia a quem in-

cumbia a investigação do crime, o sr. dr. Veiga, e graças á boa sorte que corouo rapidamente os seus habeis trabalhos e as suas bem dirigidas pesquisas.

O dr. Veiga que é um rapaz intelligentissimo, que junta ás mais nobres e excellentes qualidades de caracter um espirito, muito culto e illustrado, teve a boa inspiração de remediar d'um momento para o outro, por um esforço energico da sua vontade, uma falta enorme que ha na nossa terra, a falta d'uma morgue.

Comprehendendo perfeitamente que sem se reconhecer o cadaver seria impossivel descobrir o criminoso, e que sem muita gente ver esse cadaver seria impossivel o seu reconhecimento, o sr. dr. Veiga improvisou uma morgue no cemiterio dos Prazeres, e pôz ahí o cadaver em exposição.

O resultado excedeu toda a sua expectativa, e mais de vinte mil pessoas correram logo ao cemiterio, no primeiro dia da exposição do cadaver, a vêr a pobre victima do horroroso crime, que tão grande impressão produzira na cidade. Para que essa exposição desse resultado, para que, se porventura algum reconhecesse o cadaver, não podesse calar-se e não dar parte á policia de que o tinha reconhecido, afim de se poupar a trabalhos e a incommodos, o dr. Veiga encheu o cemiterio de policia á paizana, que acompanhavam, como simples espectadores, as pessoas que iam ver a



O BARÃO HYDE DE NEUVILLE, MARQUEZ DE BEMPOSTA

morta, que se mettiam por entre os grupos, que fallavam sobre o caso, a ouvir o que se dizia, com ordem de deitar logo a mão e levar á sua presença a dizerem o que soubessem. as pessoas que reconhecessem ou julgassem reconhecer o cadaver.

E foi assim, graças a estas habéis e intelligentissimas medidas que logo n'esse primeiro dia se apurou quem era a morta: era uma mulher das Caldas de Vizella, chamada Maria Novaes, que estava hospedada n'uma casa do largo dos Trigueiros, e que era casada com um soldado da guarda municipal, chamado Thomaz Ribeiro.

Reconhecida a mulher, d'ali a poucas horas, n'esse mesmo dia estava preso o assassino, que ao principio negou o crime, mas que apertado n'um interrogatorio muito habilmente feito, ainda n'esse mesmo dia fez confissão plena do crime, explicando o por um movel, que podia attenuar-o, movel que depois se reconheceu ser falso — o ciúme.

O assassino fôra o proprio marido da victima, que em vida lhe comera ate aos últimos vintens que ella ganhava e que depois dera cabo d'ella, d'aquella maneira feroz, selvagem, não por ciúmes como elle dizia, mas sim, como parece provado, para casar com outra mulher a quem cubicava.

Desapparecido o mysterio, que envolvia o crime, desappareceu o interese que elle despertara, pois tornou-se logo n'um crime estúpido, um crime bestial, sem nenhum interesse dramatico, um crime só notavel pela sua ferocidade e pela sua malvadez cobarde.

O criminoso está já entregue ao poder judicial e este crime o que provou brilhantemente foi as altas qualidades de commissario de policia do sr. dr. Veiga, á notavel intelligencia e ao infatigavel trabalho de quem se deve esse assassino não ficar impune, como muitos outros, que na nossa terra se têm dado e em circumstancias muito menos mysteriosas e difíceis.

Felicitamol o vivamente por esse seu triumpho que faz honra não só a elle, mas á policia portugueza.

* * *

Tendo-se aggravado os padecimentos da sr. duqueza de Montpensier, avó materna de S. M. a rainha a sr. D. Amelia, sua magestade foi a Sevilha visitar a augusta enferma.

A sr.^a D. Amelia partiu de Lisboa n'um comboyo expresso na quarta feira 1.^o corrente ás tres horas da tarde, acompanhada unicamente pela sua dama de serviço a sr.^a condessa de Seisal e pelo seu camarista o sr. conde de Sabugosa, viajando como particular, com o titulo de marquez de Villa Viçosa.

Em Sevilha Sua Magestade esteve dois dias acompanhando sua avó, cujo estado de saude é muito grave e regressou a Lisboa no dia 8, sendo esperada na gare do Rocio por el rei D. Carlos e sua alteza o infante D. Affonso, damas da corte, e altos dignatarios.

Durante a sua estada em Sevilha Sua Magestade foi muito affectuosamente recebida pela população, e o presidente da camara municipal mandou que, emquanto a Rainha de Portugal lá estivesse, fousem levados todos os dias, para os seus aposentos, todas as flôres que dessem todos os jardins publicos de Sevilha.

* * *

No mesmo dia em que regressou a Lisboa Sua Magestade, no *sud-express*, que chegou minutos antes do comboyo real, veio o illustre tenor Gabrielelesco que a empresa do Real Theatro de S. Carlos teve o bom senso de contractar para tomar parte nos seus espectaculos.

Gabrielesco é um dos tenores mais notaveis que ha hoje no mundo lyrico e tem, sobre os outros seus collegas, a grande superioridade do seu fino talento, da sua alta illustração e da sua educação primorosa. Artista em toda a acceção da palavra e não apenas por possuir uma bella voz de tenor, Gabrielelesco é um perfeito cavalheiro distinctissimo pelo seu caracter e pela sua intelligencia, o que o faz duplamente apreciado e apreciavel.

Não sabemos porque, com os tenores da-se um facto singular. Ha muitos barytonos, que são artistas extraordinarios, como Francisco d'Andrade, Devoyod, Kaschmann, Cotogni, Maurel, Pandolphini; ha baixos que também tem grande valor pela sciencia primorosa da sua arte, pela sua educação artistica, como Netam, Castelmary, Vidal, etc., os tenores ordinaria nente valem apenas pela sua voz e é rarissimo encontrar uma organização profundamente artistica, n'um homem que cante de tenor, e os melhores como voz não prestam geralmente para nada como artistas, como canto-

res, soltam a sua voz muitas vezes deliciosas, mas a respeito de intuição dramatica, de sentimento artistico, de estudo de individualidade, de comprehensão de personagem, era uma vez, são peiores do que muitos coristas.

Com Gabrielelesco não se dá este caso, Gabrielelesco é uma brilhante excepção entre os grandes tenores; tem uma excellent voz, canta primorosamente, mas faz mais do que isso, tem a comprehensão nitida da sua arte, sabe o que faz, estuda os seus papeis, entende os, trabalha os, e executa os, não é uma voz que canta, é um cantor que representa, que sente, que vive dentro dos seus personagens, que se identifica com elles, e é por isso que nós, estimando-o muito como homem, pelas suas altas qualidades de character, o admiramos muito como artista, não só pela sua voz, que é magnifica, como também pela sua arte, que é primorosa.

Gabrielesco foi uma bella aquisição para o theatro de S. Carlos.

* * *

N'este theatro deu-se ha noites a Norma com desagrado geral.

Foi um desastre para todos a começar pela sr.^a Arkel, que muito notavel no Lohengrin, foi extremamente mediocre na famosa opera de Bellini.

A sr.^a Arkel é uma bella *musicienne*, mas é um temperamento artistico muito frio, que está perfeitamente nas operas wagnereanas, mas que fica contrafeita nas operas em que é necessaria paixão, alma, fogo, calor.

A ultima artista que em S. Carlos fez a *Norma* foi a Theodorini. Não era uma opera que estivesse muito para a sua voz, mas a Theodorini apesar d'isso era n'ella magnifica e tinha phrases em que era extraordinaria, sublime. Porque? Porque a Theodorini é uma grande artista como não conhecemos outra hoje no seu genero no mundo lyrico: tem um talento assombroso, e o talento impõe-se sempre, vence todas as difficuldades e por isso ella era grande em todas as operas, mesmo n'aquellas a que menos se adaptavam os seus recursos vocaes.

O Adalgisa d'agora foi uma debutante, a sr.^a Salvatori, que pode ser uma artista apreciavel em trabalhos de menor folego.

O tenor Cappola desagradou completamente na *Norma* como tinha desagradado na *Gioconda* e na *Carmen* e muito bem fez a empresa de S. Carlos em o substituir por outro tenor, que deve chegar por estes dias.

O tenor Massini despediu-se do publico na terça feira 7, mas despediu-se com um violento temporal.

Massini dizem-nos que cantou n'essa noite esplendidamente o *Barbeiro de Sevilha*, mas o publico, segundo o seu costume nas proximidades do carnaval, começou a brincar o entrudo para a scena e isso irritou muito o tenor Massini, que depois, quando foi chamado, no fim da opera, não quiz apparecer.

O publico então a seu turno irritou-se e desandou n'uma grande pateada.

E assim acabaram as recitas do tenor Massini em Lisboa.

E agora meus senhores é prepararem-se para o carnaval, que se annuncia muito animado em Lisboa, e que o será se as prophcias do saragoçano se não realisarem, e se apesar d'elle ameaçar temporaes para os dias de entrudo, os dias continuarem esplendidos e perfeitamente primaveraes, como estes que vão correndo.

Gervasio Lobato.

HYDE DE NEUVILLE

I

O celebre diplomata francez, cujas memorias acabam de se publicar, pertence quasi tanto á nossa historia como á historia de França. Foi elle que representou um papel importantissimo na famosa abrilada, foi elle que salvou D. João VI de ser deposto por seu filho D. Miguel, foi elle que impediu o absolutismo demagogico de se estabelecer em Portugal com quatro annos de antecedencia, foi elle que permittiu emfim ao desgraçado marido de D. Carlota Joaquina, ao pae dos dois irmãos cuja guerra se tornou celebre, morrer ao menos em paz no seu leito. O infeliz soberano nunca olvidou o serviço que lhe fôra prestado pelo scintillante ministro de Luiz XVIII, a quem elle deu o titulo de marquez da Bemposta, com aquella prodigalidade na distribuição de titulos e de

mercês que está sendo ha muito caracteristica de Portugal, mas que data principalmente do tempo de D. João VI. Comtudo, lendo as Memorias do antigo embaivador, vemos que Hyde de Neuville pouco se gloria com esse titulo portuguez. Não o ostenta, e apresenta-se aos seus patricios e á posteridade simplesmente com o seu titulo patrimonial de barão. E' assim também que os inglezes que aceitam em Portugal titulos de nobreza se envergonham d'elles no seu paiz; o proprietario da quinta de Monserrate, em Cintra, e hoje também de uma grande parte de Cintra, foi feito visconde e não sabemos mesmo se conde de Monserrate. Em Inglaterra porem nem por sombras se lembra de usar de semelhante titulo. Continúa a ser simplesmente mr. Cook, e os portuguezes aceitam com a maior placidez esta verdadeira humilhação.

Hyde de Neuville aceitou pois alegremente o titulo de marquez, mas entendeu e muito bem que lhe ficava muito melhor o seu simples titulo de Barão. Não impede isso comtudo que elle seja uma das physionomias para nós mais sympathicas. Se elle pedisse o titulo e o mettesse em França, na gaveta, o procedimento seria um pouco semelhante ao de mr. Cook de Monserrate, mas como elle não fez senão aceitar o que lhe derao como o derao também a quasi todos os outros ministros estrangeiros, e se reservou o direito de não usar essa distincção que demais a mais tinha sido um pouco banal, não podemos senão louvar o seu procedimento.

E' pois a figura do barão Hyde de Neuville e não do marquez da Bemposta que vamos desenharmos rapidamente. Ainda que não houvesse representado um papel tão importante na nossa historia contemporanea, a figura era interessantissima. Conhecendo a sua existencia previa a que um escritor francez chamou com razão o *romance de um conspirador*, percebe-se melhor a sua attitude verdadeiramente cavalheiresca em Lisboa no dia 30 de abril de 1824.

II

Hyde de Neuville, que pertencia a uma familia de emigrados inglezes residentes desde muito em França, nascera em Charité sur Loire em 1776. Tinha apenas 14 annos quando foi para Paris, onde encontrou já a revolução triumphante, mas não a republica estabelecida. A situação da familia real era porem o mais angustiosa possivel. O rei e a rainha viam-se cada dia expostos aos insultos, e ás rudezas affectadas dos que principiavam a dirigir os seus ataques á realza. Hyde de Neuville era ardente e destemido. Estava uma noite na Opera; entra a rainha. Uma grande parte da plateia ainda se levanta e se descobre, muitos porém ficam sentados e cobertos. O rapazito esquentase, e, vendo ao pé de si n'essa attitude o girondino Ducos, corre a elle e arranca-lhe o chapéu. Pode-se imaginar que lhe custou sair são e salvo n'essa noite da Opera.

E não se emendou. Dias depois quando a famosa *virago*, Théroigne de Méricourt, estava no terraço dos Feuillants pregando doutrinas incendiarias, o rapazote respingou-lhe Os admiradores da *vir go* quizeram dar cabo d'elle. Foi um homem do povo que o salvou. A coragem inspira sempre sympathias. O popular achou tanta graça a esse intrepido rapazelho que affrontava sem empallidecer um bando de homens exaltados, que o tirou da baralha.

Otra vez ainda atravessava Maria Antonieta o Jardim das Plantas e pediu um copo d'agua; levou lh'o um official, mas o povo embirrou com o caso, e o official e o copo estiveram em perigo de só chegar despedaçados ao pé da rainha. Mas Hyde de Neuville lá estava, e tratou logo de acudir ao official. Também Maria Antonieta, que principiava a conhecer essa carinha imberbe, gentil e entusiastica, disse em voz alta para uma das suas companheiras: «Que bom rapaz!» Bastou isto para inflamar ainda mais o realismo de Hyde de Neuville. Largou os estudos e alistou-se no corpo de fidalgos voluntarios que tomara o encargo de defender as Tulherias.

Estava porém na sua provincia natal quando rebentou o 10 de agosto. Correndo logo a Paris, já não conseguiu senão assistir ao processo do rei. Tendo 16 annos apenas, fez esforços inauditos para o salvar, dirigindo-se aos deputados seus amigos para lhe pedir que não votassem a morte, dando o braço a Malesherbes quando o honrado velho saia exausto do tribunal. Depois da morte do rei, entrou em todas as conspirações que se fizeram para salvar a rainha. Passou uma noite inteira na rua. Chaillot de pistola em punho á espera de que outros seus camaradas conseguissem fazer fugir a rainha. Emfim mettu-se por tal forma em

todas as manobras que o podiam levar á guilhotina que uma amiga de sua familia, Madame de Congy, não achou outro meio de lhe poupar esse tragico fim senão fechando o á chave n'um sótão.

Pouco tempo lá esteve. Inimigo implacavel da Revolução, entra em todas as conspirações e em todos os movimentos que possam por qualquer forma derrubar o novo regimen. Em Nevers trabalha quanto pode para promover a contra revolução, mas tem de fugir de Fouché, que se preparava como commissario feroz da Republica a ser chefe de policia de Napoleão, duque de Otranto, e ministro dos Bourbons. E' um dos que instigam a Pequena Vendéa de Sancerre, alista se nas quadrihas terriveis dos *companheiros de Jehu* que assaltavam as diligencias que transportavam dinheiro do Estado. Quando rebenta o 9 do thermidor, corre logo a Paris, e vamos encontral o como um dos mais ardentes d'aquella *juventude doirada* que, armada com bons cacetes, desancava os jacobinos. No 4 de pradial estava com os revolucionarios, no 13 de vindimiario tambem, d'esta vez achava-se nas fileiras dos jacobinos. Pouco lhe importava desde o momento que se tratava de derrubar um governo republicano! Este governo era então defendido por Napoleão Bonaparte, e Hyde de Neuville sentiu lhe o pulso. A columna de que fazia parte foi completamente esmagada pela artilheria do futuro primeiro consul na rua Vendôme, Neuville a custo escapou.

Tendo havido um periodo de tolerancia, Hyde de Neuville aproveitou-o para se divertir um pouco, mas o 15 de fructidor poz outra vez o poder nas mãos dos jacobinos, e Hyde de Neuville tornou a ser perseguido, e tornou tambem ao seu novo a ser perseguido. N'essa occasião querido mister de conspirador. N'essa occasião metteu-se-lhe na cabeça fazer fugir do Templo o inglez Sydney Smith, que lá estava preso. Não o conseguiu e esteve quasi a ir-lhe fazer companhia. Mas tinha uma felicidade rara. Não concorria pouco para isso o facto de ser um rapaz encantador. Nas occasiões mais angustiosas da sua vida teve sempre uma mulher que o salvasse.

Quando Bonaparte se assenhoreou do poder, Hyde de Neuville foi encarregado por Luiz XVIII, com o seu amigo mr. d'Andigné, de uma missão estranha. Foi elle que levou ao futuro imperador a proposta de desempenhar o papel de Monk, de restituir o throno a Luiz de Bourbon como o general inglez o restituiu a Carlos Stuart. Bonaparte sorriu-se, recebeu-o bem e mandou o embargo. Hyde de Neuville ficou satisfeito em parte. Se Bonaparte accettesse, deixava elle de conspirar; fazia-lhe falta.

Na noite de 20 de janeiro de 1800, teve elle, juntamente com seu irmão Paulo, a audacia de ferrar de preto a porta da igreja da Magdalena e de lhe pôr em cima o testamento de Luiz XVI, e logo em seguida de ir pregar as proclamações do conde d'Artois na estatua da Liberdade. Uma vez achou-se no mais serio perigo. Desembarca á noite em França, vindo de Inglaterra, quando foi perseguido pelos guardas da alfandega. Refugiou-se n'uma casa amiga, mas os perseguidores revolteram-na de alto abaixo. Safou se para o telhado, e ali esteve agarrado a uma chaminé. Um dos guardas levanta os olhos e vê-o, mas não diz palavra. Hyde de Neuville pensou de certo que ainda havia bons corações n'este mundo. Pôde fazer a mesma reflexão quando outra vez em Paris, fugindo a soldados que o perseguem, sobe uma escada desconhecida, entra n'uma casa onde estão tres emgommadeiras, diz lhes: «Salvem-me, sou um emigrado!» E salvaram n'ó!

Essa existencia tinha tambem a sua parte comica. Estava em casa de um negociante de perfumes, estando lá outro emigrado muito tagarella a quem tinham encoberto cuidadosamente o nome do seu companheiro. Uma vez lê se n'um jornal a noticia de que constava ter sido apanhado e fusilado o famoso agente da emigração, Hyde de Neuville «Oh! que desgraça! diz o emigrado tagarella quasi a chorar, era o meu melhor amigo!» Fugiram todos para não rebentar a rir.

Outra vez estabelece-se elle nos arredores de Lyão, com o falso nome de *dout r Roland*, e vacina de graça toda a gente. O governo quer recompensal-o, e elle, é claro, assim que sabe que o procuram trata de escapar, com toda a modestia, á recompensa.

Mas uma vida assim era impossivel, principalmente depois de Bonaparte se ter proclamado imperador e se ter restabelecido solidamente a ordem. A mulher de Hyde de Neuville, porque elle casara n'um intervalo, foi atraz de Napoleão até Vincennes a pedir-lhe que amnistiasse seu marido. «E' uma boa esposa, disse Napoleão. Mas apenas computou a pena de morte em exilio para os Estados Unidos. Hyde de Neuville não se pôde

consolar. Ha uma anedocta que elle conta e que é caracteristica.

Uma noite vinha para França, embarcado com o intrepido conspirador bretão Jorge Cadoudal. Estavam silenciosos havia um pedaço quando Cadoudal lhe disse:

— Hyde de Neuville, sabe o que devemos aconselhar ao rei, se elle subir ao throno?

— O que é?

— Que nos mande fuzilar a ambos, porque nós nunca havemos de ser senão conspiradores.

E assim era.

(Continúa)

Pinheiro Chagas.

O GENERAL JOAQUIM CRESPO

PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS DE VENEZUELA

Honra-se este jornal publicando hoje o retrato e a biographia do heroe venezuelano, que se levantou em armas, arriscando a vida e a fortuna para restabelecer na sua patria o imperio das leis, desrespeitadas e calcadas aos pés pela usurpação mais injustificavel de que reza a historia.

Nasceu o general Crespo em San Francisco de Cura, em 1845, de uma familia muito respeitavel.

Em verdes annos, alistou se como simples soldado no exercito de Venezuela, subindo todos os postos por merito, e actos de bravura, e tomando parte nos acontecimentos militares que tiveram logar n'aquelle paiz no periodo que vae de 1860 a 1885.

Tornou-se popular, e Guzmán Blanco, o general sempre reeleito presidente da republica, fez d'elle o seu logar-tenente, confiando-lhe commandos militares importantes e empezas perigosas.

Os seus talentos militares de tactico consummado, fizeram-no sempre victorioso e salvou varias vezes da derrota o seu chefe, o general Guzmán Blanco.

Aos 31 annos (em 1876) era nomeado ministro da marinha e da guerra, e em 20 de fevereiro de 1884 os suffragios do povo venezuelano elevaram-no á suprema magistratura da republica.

Durante o seu consulado, os serviços publicos, o commercio, a industria, as sciencias e as artes, mereceram a mais desvelada attenção e cuidado do chefe d'estado, empenhado em inaugurar uma nova ordem de cousas para a sua patria e em fechar para todo o sempre a era das guerras civis.

Terminado o biennio presidencial, Crespo, a quem o parlamento conferira o titulo glorioso e merecido de *heroe do dever*, pôde vêr quão grande era a sua popularidade e a gratidão dos seus concidadãos, porque se tentou fazel-o reeleger; mas Guzmán Blanco, então omnipotente, e cheio de ciumes, fez abortar tal projecto e elegeo-se mais uma vez presidente.

De curta duração foi a sua passagem pela *Casa Amarilla*.

A nação estava fatigada do despotismo *Guzmanista*, e em 1886, expulso quasi de Caracas o dictador chronico, veio a revolução de 1889 dar por finda a vida politica d'aquella, que, durante um quarto de seculo, dominara como senhor em Venezuela.

Em 1888 foi o general Crespo novamente eleito; Guzmán Blanco, porém, teve artes de, mesmo de Paris, onde residia, annular esta eleição.

Como era natural. Crespo seguiu o caminho do exilio, sendo-lhe confiscados os bens e degradado das honras militares.

Visitou então a França e a Hespanha, recebido por toda a parte com a sympathia e respeito, que desperta a virtude mal recompensada.

Querendo regressar á patria, em dezembro de 1888, foi preso com os seus companheiros de infortunio.

Houve ideia de o fuzilar, mas o presidente, dr. Rojas Paul, não quiz assumir uma tão tremenda responsabilidade e limitou-se a pol o fóra da fronteira.

D'ali seguiu para New York acompanhado de sua familia; mas já em outubro de 1889 estava em Caracas em resultado da revolução d'esse anno.

Reintegrado nas suas dignidades e restituidos os seus bens confiscados, o parlamento indigitou o como candidato á presidencia da Republica na eleição que deveria ter logar em 27 de fevereiro de 1890.

Declinando esta candidatura, escolheu-se para presidente o doutor Raimundo Andueza Palacio.

Era este um dos homens politicos de Venezuela mais em evidencia e occupára logar eminente na imprensa, na politica e na magistratura, e fóra ministro das relações interiores em tempo de Rojas Paul.

No programma do novo mandatario declara elle: «Serei o primeiro servidor da lei junto de um povo civilizado, altivo e livre, porque não quero ser o chefe de uma horda de escravos embrutecidos pelo servilismo. Tanto como meu predecessor, deseo a imprensa livre como o pensamento, uma imprensa, porém, patriotica e bem inspirada...»

Assim fallava o homem que, dois annos depois, havia de renegar taes principios, e que, adversario de Guzmán Blanco, não só o imitou, mas até mendigou o seu auxilio, quando a guerra civil tomava uma feição desfavoravel para a sua causa!

Em 20 de fevereiro de 1892 Andueza Palacio terminava as suas funcções, mas quiz a todo o custo conservar-se no poder. Tornou se celebre a phrase que se lhe attribue: *aquí estou e aquí fico*.

Os seus sequazes conseguem que o congresso por maioria de tres votos, apenas, prorogue por mais dois mezes os poderes presidenciaes de Andueza Palacio. A opposição protesta, e a *Alta Corte Federal* (supremo tribunal de justiça) declara inconstitucional o acto do parlamento e que o presidente está fóra da lei.

Palacio responde encarcerando os membros da Alta Corte Federal e os do Congresso, os jornalistas e todos quantos lhe fazem ou podem vir a fazer opposição aos seus planos liberticidas.

E' então que o general Crespo sae do seu trahimento, porque tendo deixado a vida activa da politica, occupava se dos trabalhos agricolas, elle o primeiro exportador de café de Venezuela e dez vezes millionario, e acudindo ao appello de todos os patriotas, que n'elle depositavam as melhores esperanças, publicou o seu manifesto, datado de Totumo, e que é uma advertencia ao dictador:

Dizia o general Crespo: «É de esperar que o Congresso na sua proxima reunião Constitucional gozará de inteira liberdade nas suas deliberações; que repellirá qualquer pretensão que o faça exorbitar das suas facultades legais, ou que offenda o decóro dos representantes da nação. Porém, se assi n não succeder, se desgraçadamente para a Patria se realisarem as suspeitas de usurpação, que de toda a republica me são annunciadas, saibam os meus amigos e companheiros de causa, e os meus collegas do Congresso que os acontecimentos me encontrarão cumprindo os meus deveres de cidadão, de liberal e de soldado da Republica.»

Vinte e tres dias depois é dissolvido o Congresso, cuja maioria tambem por sua vez publicou um manifesto.

E' uma verdadeira declaração de guerra a Andueza Palacio, e um incitamento á revolta.

«Ao abrigo da bandeira da legalidade, a maioria do congresso protesta solemnemente perante o Nação, os Estados e o mundo inteiro contra o attentado que dissolve o Congresso da Republica... e espera, attenta, a voz dos povos para voltar a congregar se no Capitolio da Republica, ou em qualquer outro sitio do paiz no dia em que, vencida a usurpação, fique livre, soberana e autorizada a Representação Nacional... Povo, levantai vos!»

A este appello da Representação Nacional, o general Crespo empunhou a espada, collocou se á frente da opposição, convocou os filhos das planicies e do seu quartel general de Camaguan jura a bandeira arvorada pelo Congresso com estas palavras: «Sou unica e simplesmente um deputado ao Congresso da Republica e um soldado da Lei, designado pelo favor dos meus collegas e pelo espontaneo consentimento dos meus compatriotas e chefes militares de mais renome em Venezuela para dirigir, como chefe, o Exercito Nacional, n'esta luta do povo contra os usurpadores da sua soberania... A Nação fallou pelo orgão authorisado da maioria dos seus representantes, e, em solemne protesto, declarou facciosos e traidores aos que, preferindo os interesses pessoais aos da Republica, espesinharam o direito e rasgaram o pacto da Federação. Pela parte que nos toca pugnaremos, até vencer, para reconquistar a soberania do povo e os direitos da Federação.»

Em 17 de junho, Andueza Palacio fugio para a Europa levando todos os valores que encontrou nos cofres publicos.

A guerra continuou entre o general Crespo e os varios satellites e partidarios do presidente em fuga.

Decididamente, apesar da tenacidade e ardor extraordinario desenvolvido em ambos os campos, os usurpadores perdiam terreno, as deserções rareavam as suas fileiras, ao passo que entre si os Villegas, os Pulidos, os Mendozas, os Palacio Rengifo, não se entendiam e disputavam se mutuamente o poder.

Final Crespo consegue pôr-se em communicação com o mar, e por essa via recebe e completa os seus armamentos.

A usurpação vai morrer; mas antes d'isso Mendoza, proclama-se dictador, prende os habitantes ricos de Caracas e La Guayra, nacionaes e estrangeiros, e até os proprios consules, e exige-lhes resgate pela soltura.

Recebido o resgate e saqueados os cofres publicos, mais uma vez, o atrevido adventicio foge deixando em anarchia a capital da Republica.

Crespo á frente de 20:000 homens apparece diante de Caracas que lhe abre as portas no meio do mais entusiastico jubilo e La Guayra procede do mesmo modo.

Ficou pois triumphante a revolução, e os usurpadores fogem para não receber o castigo merecido.

A espada de Crespo varreu do paiz todos esses aventureiros, e o egregio general conquistou, para si, na historia, um nome que não esquecerá já-mais.

Tudo sacrificou elle, que de nada precisava, pa-

Seja como fôr, esperamos que o inclito soldado levará a bom termo esta pendencia com honra e gloria para si e para o paiz que lhe confiou os seus destinos.

Admirador sincero do heroe venezuelano, permitta-nos elle que o saude por este meio e á briosá nação que o tem por supremo magistrado.

Lisboa 4 de fevereiro de 1893.

A. F. de Serza.



AS NOSSAS GRAVURAS

VASO ORNAMENTAL DE FAIANÇA DE BORDALLO PINHEIRO

Entre as ccisas d'arte portugueza, enviadas á Exposição Historico Europea de Madrid, figura

É povoação muito antiga e parece ter sido fundada pelos arabes. Em 1203 estando despovoada, foi mandada povoar por D. Soeiro Gomes, bispo de Lisboa, que lhe deu foral.

Alhandra antes de ser elevada á cathogoria de Villa, chamava-se Torre Negra.

Como vestigio da sua antiga autonomia municipal ainda conserva o seu pelourinho, que reproduzimos em gravura, feita sobre um desenho do nosso collaborador artistico o sr. Luciano Freire.

É mais um documento d'esta natureza que archivamos nas paginas do OCCIDENTE, onde temos colleccionado já um bom numero de pelourinhos dos que ainda existem no paiz.

Quando outros factos não enobressem a villa de Alhandra, bastaria e de ter nascido no seu termo o grande Affonso de Albuquerque e seu filho Braz de Albuquerque.

A villa de Alhandra tem tido n'estes ultimos tempos certo desenvolvimento, pelas fabricas de



O GENERAL JOAQUIM CRESPO

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DE VENEZUELLA

ra restaurar a legalidade e expulsar os bandidos que infestavam o seu paiz e se tinham appropriado dos altos cargos do estado.

Em 8 de outubro, por accordo dos chefes politicos e militares, o general Crespo assumio a presidencia provisoria da republica, constituiu ministerio e licenciou o heroico exercito que conduziria á victoria.

Vae ser ardua a sua missão: tem de sarar as feridas que a guerra civil abriu no corpo da nação e fica de pé e ameaçadora uma questão internacional gravissima: a questão da Guayana, que a Inglaterra contra todo o direito e justiça disputa a Venezuela.

O telegrapho annuncia-nos uma alliança offensiva e defensiva entre Venezuela e Colombia com o fim de garantir a posse dos territorios em litigio, em favor de Venezuela.

É de suppôr que o leopardo britannico mais uma vez encolha as garras. Além d'isto, os Estados Unidos da America do Norte estão vigilantes e não permittirão que a Inglaterra crie um novo Gibraltar n'essa via fluvial importantissima, o Orinoco.

vantajosamente o bello vaso ornamental que faz o assumpto da gravura da nossa pag 37.

É mais um bello producto da fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, dirigida pelo sr. Eordallo Pinheiro.

O distincto artista, inspirando-se no estylo Manuelino, das epochas gloriosas de Portugal, imaginou este vaso extremamente artistico aproveitando habil e artisticamente aquella decoração, produzindo o elegante vaso que a nossa gravura, feita sobre uma photographia do sr. Camacho, representa.

É mais uma obra que honra o artista e a Fabrica de Faianças das Caldas da Rainha, onde se tem fabricado tantas outras obras de subido valor artistico.

PELOURINHO DA VILLA DA ALHANDRA

Está situada a villa da Alhandra a 30 kilometros ao N. E. de Lisboa e 30 a O. de Torres Vedras, a cujo concelho pertencia ainda no seculo XVII.

Hoje é da comarca e concelho de Villa Franca de Xira, para que passou em 1853; tem uns 550 fogos com 2:000 habitantes.

tecidos e ceramica que alli se tem fundado, vindo augmentar a sua riqueza industrial, que até ha poucos annos estava restricta á fabricação da antiga telha.

Agora está-se montando alli uma fabrica de cimento, para o que tem magnifica materia prima, sendo os exploradores d'esta nova industria os srs. Antonio Moreira Rato & Eilhos, conhecidos e accreditados industriaes com officinas de canteiro, em Lisboa.

ARBITRAGEM INTERNACIONAL

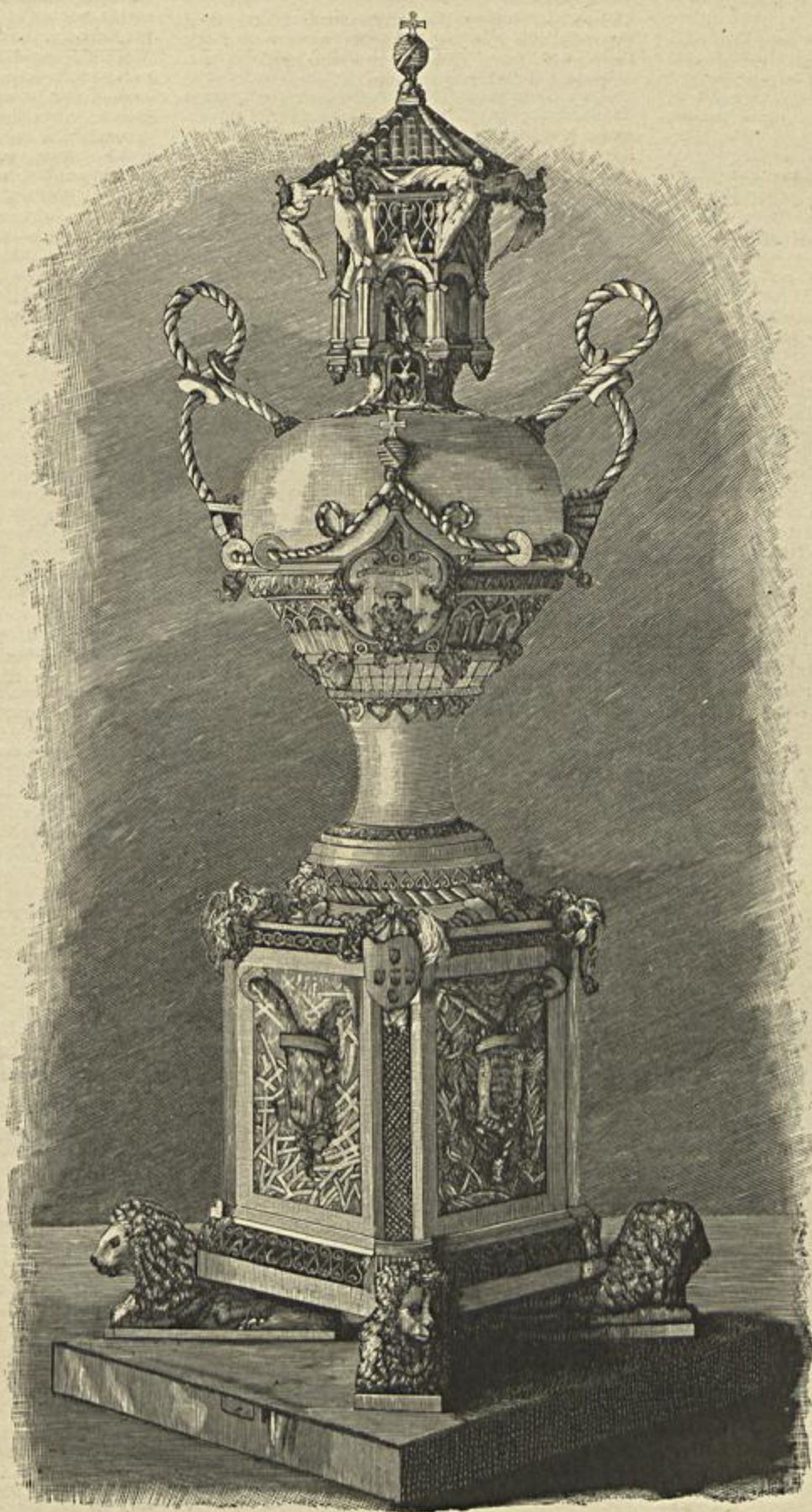
VI

A ARBITRAGEM ENTRE HESPAHNA,
PORTUGAL E OS ESTADOS IBERO-AMERICANOS.
FORMA DE A TORNAR EFFICAZ.

(Continuado do n.º 508)

I

Uns, sem darem importancia ao modo de organisação d'esse tribunal, acceitando os povos com



VASO ORNAMENTAL DE FAIANÇA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

(Cópia de uma photographia do sr. Camacho)

suas constituições, interesses e linguas diferentes, quereriam erguer arbitro supremo das nações, ao summo pontifice. De sentimentos eguaes para todos em rasão de seus deveres apostolicos; juiz imparcial, que não possui territorio, nem soldados, nem dymnastia, cujos interesses sejam identicos aos de outro qualquer soberano ou nação; em tal altura, onde só chegam arrefecidas as paixões, que na vida real adereçam os conflictos internacionaes; não sendo um chefe politico, antes no exercicio de magistratura moral reconhecida e acatada de povos e reis — deve o representante de S. Pedro, ser o juiz arbitro de

monarchias e republicas; e, seja qual fôr a religião que professem. D'est arte pensam alguns publicistas inglezes, argumentando com o proceder do principe de Bismarck, que em 1885, primeiro ministro de uma nação protestante e poderosa, accitou o papa como medianoiro no conflicto d'este paiz com a Hespanha ácerca das ilhas Carolinas e Palaos. «Não irei a Canossa, diria o chanceler; mas, se o papa decide que nossas pretensões sobre as Carolinas são injustas, eu não questionarei as Carolinas aos hespanhoes.» A auctoridade do chefe da igreja, d'este modo reconhecida até pelos seguidores de outro credo re-

ligioso, proclama bem claramente á intelligencia de todos, que, n'este seculo mesmo descrito, elle ainda, e em certos casos, o arbitro natural do mundo civilisado, Esta é a convicção de innumeros catholicos, e pelo que merece registo e o nosso respeito. E' certo, porém que os melhores escriptores de direito das gentes regeitam tal doutrina, opinando que um tribunal de arbitros entre alguns povos, ou entre todos, mal cumpre seus deveres, se o não compõem os homens eminentes, das universidades e faculdades de direito, e celebrados pelo seu estudo, saber juridico, firmeza de caracter, e imparcial rectidão. O livro de

Mamiani (*D'un nuovo diritto europeo*), os trabalhos historicos de Guisot, (*Histoire du gouvernement representatif*) que defendem a soberania da razão, viriam a ser o fundamento de uma tal doutrina, ao presente propugnada pelos notaveis juristas e professores Francisco Lieber, Blüntchli, Pierantoni e Laroche. Todos allegam que um monarcha não deve ser escolhido arbitro — porque seus innumerados deveras politicos o impedem de dar sua attenção ao litigio, que lhe é sujeito. «Em verdade, diz Lieber, quando qualquer pendencia internacional é submettida á decisão de um soberano, ou ao supremo representante de uma republica, isto é ao chefe do poder executivo, este a envia ao ministro da justiça ou a outro funcionario superior, o qual encarrega um conselheiro, um empregado, algumas vezes a uma commissão, de lhe apresentarem um relatório, que submeta ao arbitro nominal. Aquelles, que decidem realmente, ficam ignorados, ou pelo menos não assumem responsabilidade alguma, publica e final. Em bastantes casos d'esta natureza dá-se grave perigo, e seria inconsequente, o submeter as mais altas questões do direito e da equidade, a qualquer poder executivo e não a uma authority, celebrada pela propria sciencia juridica e directamente responsavel.» Além d'estas razões, outras adduzio o sabio professor italiano Pierantoni, o qual, trazendo a hypothese de que os interesses do estado feito arbitro, podem ser identicos aos de uma das partes, e por isso influir na decisão — regeita os chefes do poder executivo para julgadores dos conflictos internacionais. Outros tratadistas do direito das gentes, propõem tambem um tribunal mixto de jurisperitos e diplomatas, por se evitarem as tendencias exclusivas; e alguns, que cada paiz nomeie um delegado, e tenha equal representação no tribunal, sem que se meta em linha de conta, sua grandeza, importancia ou poder. Segundo estes, o tribunal collocado n'um paiz neutro, na Belgica ou Suissa, permanente, pelo que diz respeito á sua composição, só exerceria as funções do seu cargo quando tivesse de resolver um conflicto. Os seus vogaes, prohibidos de aceitar mercês, terras ou donativos, não receberiam salario fixo; e tão somente as despesas de viagem e residencia; gosariam de largas attribuições no conhecimento do litigio, e não só a de proferir a sentença final, mas a de julgar quaesquer questões interlocutorias em todos os incidentes do processo; finalmente não poderiam intervir nos negocios internos dos estados. Esta organização da arbitragem, completada e aperfeiçoada pelo conde de Kamarowsky (*Le tribunal international*), que entende deverem ter os juizes arbitros educação especial, ser inamoviveis, retribuidos permanentemente, e usarem da aposentação, tem hoje partidarios convencidos; e até um author inglez já redeguiu, para o jury internacional um processo analogo ao que está em vigor na legislação civil de muitos estados da Europa. Os economistas, porém, seguem outro rumo. Na sua opinião um arbitro supremo só pôde existir, quando os povos da Europa, adoptadas as instituições republicanas, formarem entre si uma grande associação. Então, um poder, legislativo, judiciario e executivo, collocado no centro, velaria pelos estatutos do pacto federal, defendendo, sendo necessario, pelas armas a ordem ameaçada. A federação dos estados da Europa, com uma constituição regular, seria o unico organismo competente para garantir a manutenção da paz.

Tantos pareceres, embora os defendam escriptores eminentes, tem sido impugnados: — a arbitragem dos soberanos ou a de seus agentes diplomaticos — porque podem ser influidos das preocupações politicas, e assim propenderem a favor de um dos estados contestantes; a arbitragem dos professores e jurisconsultos, por que, vivendo no dominio da sciencia exclusiva, muitas vezes carecem dos conhecimentos praticos, que só dá o tracto dos negocios publicos; a da feituração dos povos, porque as nações europeias, gloriosas do seu passado historico, da sua lingua, da sua litteratura, de tudo aquillo que constitue uma individualidade, difficilmente se unirão para um semelhante ideal. (M. Rollin Jacquemins) O alvitre de um tribunal permanente delegado de todas as nações, e de organização propria, é o que tem attrahido até hoje maior numero de defensores.

Emquanto a nós, diremos: — Erguer um tribunal permanente e supremo entre as nações, dar-lhe a authority de resolver suas pendencias, a facultade de promulgar os codigos de direito internacional e de processo, o direito de os executar, e a força da maioria das nações para fazer cumprir suas sentenças — seria crear uma tal força, já robustecida pelo talento dos eleitos, que se a ambi-

ção n'elles lhes corresse parelhas com o proprio saber — poderia trazer-nos aquelle homunculo de Alberto Magnus, que matou o sabio. Tudo deve ser simples nas cousas da vida. Ainda que se lhe marcas se a obrigação de não intervir nos negocios internos dos estados, teria tal prestigio, que não era de estranhar, se um dia, aclamado pelas populações agradecidas, elle o arbitro, o supremo julgador, não se convertesse de defensor da cidade, em seu supremo governador¹. Quando, porém, não succedesse esta hypothese, é certo um tribunal permanente, só por si, não é bastante para a manutenção da paz, porque, logo que suas sentenças não sejam obedecidas por um dos estados, e'le pedirá a guerra das outras nações, contra a que não as aceitou. Virá pois o direito de intervenção armada; e todos sabem, pela historia contemporanea, quaes foram as consequencias perniciosas de um tal direito. Além do que, a nação mais forte, se um dia for influida de algum interesse poderoso, ou da ambição de conquistas, ou da paixão de rivalidades, é de admittir possa influenciar, mais hoje ou mais amanhã, nesse tribunal, para esmagar outras nações, em que deseje ter perdominio. E não será este, o reino da violencia e da força?

Um tribunal semelhante, a ser possivel a sua existencia, jámais seria aceite pelas nações, sem grave risco da sua liberdade de acção e independencia. Os proprios jurisconsultos reconhecem o pezo d'estas reflexões, pois, querendo um tribunal permanente, dizem — que elle é voluntario!

Mas, que valor deve merecer um tribunal de permanencia, que, pelo seu ministerio publico, não acode pelos casos occorrentes, matendo a ordem? E se acudir, se a sua jurisdicção for obrigatoria, e tiver a força para a sancção dos seus edictos, não surgirão os perigos apontados? Eis porque, condemnada pelo lado politico, se não pode admittir acima dos estados, uma tal instituição. Tem se dito, que a qualidade da permanencia lhe confere a virtude da imparcialidade, porquanto, não sendo creado para a occasião, não o preocupam, a esse tribunal permanente, os interesses e as paixões do momento, sejam quaes forem — politicas ou outras. Esta razão, todavia, tambem não parece de acolher, pois aquelle tribunal como outro qualquer é formado de homens e portanto susceptivel de paixões. A permanencia não lhe tira esse caracter. O que mais ou menos o colloca acima das vicissitudes humanas é a sua magistratura moral, a confiança nelle depositada, a sua illustração, integridade, sciencia abundante do assumpto, conhecimentos especiaes. Mas, tudo isso se consegue escolhendo com acerto os juizes arbitros. A permanencia não lhe dá nem tira qualidades — não é indispensavel. Um tribunal em taes condições é de aceitar, quando ha um direito, estatuido; e ainda neste caso teriam de o formar, como no crime, com juizes jurados, mudaveis com as circunstancias, pois que o facto mal o pode avaliar, quem pela sua alta posição da judicatura, não conhece das cousas, eventualidades e circunstancias occorrentes. Poderiamos citar muitos exemplos, e um delles seria o das pescarias nas costas do Algarve. Um tribunal permanente, a não ser que tomasse peritos, jurados, não chegaria ao conhecimento de que a sardinha tem fugido para as costas de Portugal, e de que os pescadores hespanhoes se tem individualizado, pedindo de emprestimo grandes capitães para a pesca dos galões, e de que seus visinhos, os portuguezes, que não pediram esse dinheiro, não tem por emquanto artes aperfeiçoadas, etc. . . O conhecimento de tudo isto só podem tel o os juizes commissarios do officio; só pode vir do exame dos logares, da causa da paixão dos povos. O juiz constituído, permanente, julga pela verdade das provas, pela verdade juridica, o jurado pelas pro-

¹ Não duvidamos que venha a existir entre as nações um tribunal superior e arbitral; mas, quer-nos parecer, se não vier essa solução naturalmente, que ella jámais poderá ser imposta pelo convenio de alguns ou de muitos estados. A solução natural viria da existencia dos estados-unidos da Europa, ao par da dos estados-unidos da America, porque então o supremo tribunal federal resolveria os conflictos internacionais; e, quando elles adviessem entre os povos, que o mar separa e aproxima, n'esse caso as pendencias seriam resolvidas, pela reunião dos dois tribunales. Esta conclusão parece-nos legitima, e n'ella acreditamos. Fazem-nol-a suppor, a equalidade de pesos e medidas, a união postal, as transacções de commercio as litteraturas semelhantes, a universidade da lingua franceza, os cabos submarinos, o transporte rapido do pensamento e da materia pela electricidade e pelo vapor, e finalmente os principios juridicos communs a todos os povos, que hoje se elevam á altura de um direito especial, superior ao direito das gentes. Mas, organizar desde agora, e sem aquella federação um tribunal sobre as nações, coisa que nos parece impossivel, e nem d'ella cuidamos — que virá a praz. A arbitragem é de necessidade; pode e deve regular-se desde já, deve entrar na lei, mas de um modo pratico, e que dê resultados immediatos. Tudo o mais do quê, será declamação.

vas e pelo que elle propriamente sabe, pois vive com as partes; julga segundo a sua consciencia. Em questões materiaes, de interesses, muito deve attender-se a este requisito. Assim a commissarios nomeados *ad hoc*, dar-lhe-hemos sempre a preferencia. Excluida, por estas razões, a hypothese de um tribunal permanente, que, pela demonstração feita, só traria o prodominio da nação mais forte; muitas vezes, a guerra, e quasi sempre na occasião do pleito, a necessidade de o constituirem com juizes jurados — o quê de certo modo prova, que alem de nocivo elle é inutil, — não abandonamos por estas conclusões, que temos de logicas, a ideia da arbitragem. Pelo contrario, cada vez mais viva se ergue ante o nosso espirito, cada vez mais proveitosa a consideramos. Em verdade, os direitos são inuteis se não ha uma instituição que lhes garanta o exercicio; é necessario pois crear uma ordem juridica a proteger a vida collectiva, e para tanto é indispensavel estatuir e de um modo permanente, não o tribunal, mas a obrigação da arbitragem. Os estados, os parlamentos, a opinião publica, os tratadistas, já reconheceram a necessidade de uma tal ordem juridica, quando se tracta da interpretação de um convenio, da sua execução, da violação de limites, de uma offensa causada, de um prejuizo sofrido, ou quando vem a proposito questões, de caracter *universal*: — o respeito das communicações postaes e telegraphicas, em tempo de paz ou de guerra; o das grandes arterias internacionais de comunicação (linhas ferreas, canaes, a liberdade dos mares); as precauções na occasião de epidemias; a protecção da propriedade litteraria e artistica, marcas de fabricas; etc. Pois sendo assim, hoje so resta traduzir essa necessidade como obrigação legal em todos os tratados das nações, e maxime nos tratados que hamos de fazer entre a Hespanha e Portugal e os povos ibero-americanos. E, não nos cançaremos em repetil o: — a forma de constituir o tribunal de arbitros é-nos indifferente, porque são as nações, em um momento dado, quem melhor sabe ver os seus interesses, e de que modo lhes é de conveniencia organizar o julgamento de juizes arbitros; — se elle deve ser constituído por um soberano, se pelo collegio de homens illustres, tirado de uma corporação scientifica, se pelos delegados para apreciar e decidir determinadas questões em virtude de seus conhecimentos technicos e especiaes. Os governos das nações, na occasião do conflicto, são os que, pelo exame das circunstancias delle, melhor conhecem quaes devam ser os seus julgadores. O que entendemos de urgencia, e desde agora, é estabelecer nos tratados, a obrigação legal de submeter os conflictos internacionais a um jury arbitral. Estabelecida a prescripção legal e generica, é certo na occasião de ser nomeado o tribunal de arbitros, tem de intervir um novo convenio, — a convenção especial — que na linguagem do direito se chama *compromisso*, a qual precisando nitidamente a questão a debater, expondo quaes os pontos de facto ou de direito, traçando os limites das attribuições confiadas ao arbitro, — salvo o caso de erro material ou de injustiça flagrante — obrigue e submeta as partes e sem recerso á decisão que elle der. E' o que tem succedido; mas uma tal pratica não invalida antes rebustece a nossa proposição, pois que um semelhante convenio não mais fará que confirmar o direito estabelecido, esclarecendo os arbitros no exame das provas, e dando-lhe as facultades em direito reconhecidas para o acerto de suas decisões. Nós temos um tratado de commercio pendente com a Hespanha, um outro em termos de ser concluido com o Brazil; temos 16 tratados feitos com as nações ibero-americanas em 1878, pois em todos elles, nos que esperam conclusão, e nos que forem denunciados, deve ser incerta de um modo positivo a clausula da arbitragem, e não só para a solução das questões que d'ahi possam vir, mas para a solução de todos os conflictos internacionais, qualquer que seja a sua origem e objecto. Será este um meio pratico de realisar a arbitragem, se não preferirem a Hespanha, Portugal e as nações ibero-americanas a celebração desde agora, de um tratado commum e especial sobre o assumpto. Não pense esta douta assembléa, que pretendemos organizar um direito novo; assim não é. Tão apenas pedimos se generalise uma disposição já por vezes aproveitada em diferentes tratados.

(Continúa)

Conde de Valençães.

A LUA DE LONDRES

OS MEUS LIVROS

TEXTO

É noite... o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo Ceu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvamento, humido veu;
Traz perdida a côr de prata,
Nas aguas não se retrata,
Não beija no campo a flôr;
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla de amor ás bellas,
Não falla aos homens de amor.

Meiga Lua, os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar?
Foi na terra tua amada,
N'essa terra tão banhada
Por teu limpido clarão?
Fui na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração?

Oh! que foi... Deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tomilho,
Onde ha fontes de crystal,
Lá onde veceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se esponeja á luz do Sol,
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó Lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz,
Onde do bosque as madeixas
Já teem um flôreo matiz;
Amaste do ar a doçura,
Do Ceu a formosura,
Das aguas o suspirar;
Como has de agora entre os gêlos
Dardejar teus raios bellos,
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraeas,
Quem andou por Tejo acima,
Por cima dos seus crystaes
Quem foi ao meu patrio Douro
Sobre fina areia de ouro
Raios de prata esparzir,
Não pôde amar outra terra,
Nem sob o Ceu d'Inglaterra
Dôces sorrisos sorrir.

Das cidades a Princeza
Tens aqui; mas Deus igual
Não quiz dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal;
Aqui a industria e as artes,
Além de todas as partes
A natureza sem veu;
Aqui ouro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias;
Além, a terra e o Ceu!

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o solo,
Mas não me encantam a mim:
Na minha patria uma aldeia
Por noites de lua cheia
E' tão bella e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra,
Co'a Lua da minha terra,
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta Deidade,
Padecemos igual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor:
Em Portugal, o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui, triste e sem clarão;
Eu lá sinto-me contente,
Aqui, lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros Ceus,
Leva-me, ó luz, comtigo
Preso n'um raio dos teus;
Voltemos ambos, voltemos,
Que nem eu nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez;
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre, e tu despida
Das nuvens do Ceu Inglez.

João de Lemos.

VERSIONE

E' già notte... L'alma Luna
Squarcia appena un plumbeo cielo,
Ché il suo bel volto le imbrana
Un biancastro umido velo:
L'argentin colôr perdetto,
Nelle acque non si riflette,
Né del prato hacia i fior:
Non ha piú cortéo di stélie,
Né d'amor parla alle belle,
Né ai garzón parla d'amor.

Cara Luna, i tuoi segreti
Dove mai fosti a lasciar?
Li lasciasti nei pineti
Delle spiagge d'oltremar?
Fu nella tua terra amata,
Quella terra ognor bagnata
Dal tuo limpido chiaror?
Fu nel loco dei verdori,
Nella patria de'mie'amori,
Nella patria del mio cor?

Sí... lasciasti ogni chiarezza
Lá nei monti in Portugallo,
Dove il timo nasce e olezza,
E son fonti di cristallo,
Dove é in pien vigór la rosa,
E la farfalla vezzosa
Vola e scherza ai rai del Sol,
U'per don di Dio s'avvera
Che di notte in primavera
Cantar s'oda l'ussignuol.

Luna, tu forse hai lasciato
Da ben poche ore quel sito
Dove il bosco é già adornato
D'un gentil manto fiorito:
Dell'aria amasti il dolzore,
Di quel cielo lo splendore,
E dell'acque il mormorar;
Come or fra i ghiacci potrai
Dardegiare i tuoi bei rai,
Fumo e nebbia quivi amar?

Chi il rio Lima ha illuminato,
Del Mondego i saliceti,
Chi del Tago s'è specchiato
Nei cristalli tersi e queti,
Chi fu nel mio patrio Douro
Sopra fina arena d'oro
Raggi argentei a sparpagliar,
Non puó amare un'altra terra,
E sotto il ciel d'Inglaterra
Non si puó a riso atteggiar.

Hai qui, é ver, la Principessa
Dell' città, ma a lei Dio
La beltá negó che ha impressa
Nel paese tuo e mio;
Regnan qui l'industria e l'arte,
Ma fra i Lusi é in ogni parte
La natura senza vel;
Veggon qui oro mie pupille,
Gemme, ed archi, e vie mille:
Laggiú ride e terra e ciel.

Di mattoni ample montagne,
Statue, e piazze sconfinate
Párton, cópron le campagne,
Ma per me non han beltate:
Nella mia patria un villaggio
Visto della Luna al raggio
Come allegro e vago esso é!...
Amo il casolár romito
Colla Luna di quel sito
Che per patria Dio mi dié.

Io e tu, pudica Diva,
Qui soffriamo equal dolor,
Un desir stesso ci avviva.
Qui sentiam lo stesso amor:
Lá fra i Lusi il tuo bel viso
Si compon di luce e riso,
Triste é quivi e smorto appien;
Io son lá pago e ridente,
Ma qui un sovvenir pungente
Mi annerisce il core in sen.

Orsú, o Luna, sii mia scorta,
Al mio Ciel volgiamo il passo,
Teco, o luce, ora trasporta
Nei tuoi rai me stanco e lasso;
Torniamo ambi, ah! si, torniamo;
Ch'esser qui noi non possiamo
Di noi imagine fedel:
Avrai splendore, io vita,
Saró io franco, e tu sguernita
Del nebbión d'inglese Ciel.

Prospero Peragallo.

XXII

Maximo Formont, como os leitores do OCCIDENTE sabem, é o auctor de *Les Inspiratrices* e de *Les Refuges*.

O livro que nos foi enviado de Lyon, por este distincto escriptor, tem o titulo de *Le mouvement poétique contemporain en Portugal*.

Este trabalho teve, primeiro, publicação, na *Revue du Siècle* de que é director o sr. Camille Roy.

Tem quatorze capitulos que, referindo-se só aos poetas da geração moderna, alcança principalmente os nomes de João de Deus, Anthero do Quental, Theophilo Braga, João Penha, Joaquim de Araujo, conde de Sabugosa, Simões Dias, Gonçalves Crespo, Fernando Caldeira, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Manuel Duarte de Almeida, Jayme de Séguier, Ramos Coelho, Guilherme Braga, Manuel de Moura, Cesario Verde, Antonio Feijó, Manuel da Silva Gayo, conde de Monsaraz, Eugenio de Castro, Candido de Figueiredo, D. Alice Moderno, Antonio Nobre, José de Lacerda, D. João de Castro, Oliveira Soares, Alberto Bramão, etc.

E' certo que não estão aqui, evidentemente, todos os nomes dos trabalhadores da moderna geração, mas o sr. Formont não nos diz, no seu livro, que limita ali o seu trabalho critico, e esperamos portanto que em outro livro termine a sua obra...

Considera João de Deus, o grande lyrico, como o poeta que melhor traduz a alma portugueza e cita dos trabalhos do mestre: *A oração*, *A dona Candida Nazareth*, *Os canticos de Salomão*, o poema heroi-comico a *Marmellada*, *O remoinho*, *Descalça*, *Maria*, *Amores*, *amores*, *Um beijo na face*, *Gaspar*, *Caturras*, *A vida*, *Flôres do campo*, *Folhas soltas* e *Despedidas de verão*.

De Anthero do Quental mostra conhecer os seus *Sonetos*, *Raios de extincta luz*, *Odes modernas*, *Paz em Deus*, *Aspiração*, *Nihil*, *Sarcasmos*, *Primaveras romanticas*, *O Pantheismo* e a prosa solida de Anthero no *Bom senso* e *Bom gosto* e nas *Considerações*.

E assim como comprehende que Anthero e João de Deus foram os que rejuvenesceram a poesia nacional, um rebuscando-a, para assim dizer, nas suas origens e encontrando na poesia popular o estudo da linguagem, o outro introduzindo na nossa litteratura as doutrinas philosophicas da Allemanha e as theorias humanitarias da França, — entende tambem que Theophilo Braga é o escriptor que mais contribuiu para o desenvolvimento da moderna escôia.

Se Herculano, Garrett e Cascaes eternisaram a historia nacional continuando a obra de Camões, Theophilo Braga saiu d'esses limites e fez a historia da Humanidade. Os trabalhos de Theophilo Braga apontados por Maxime Formont são a *Visão dos Tempos*, *Tempestades sonoras*, *Ondina do lago*, *Antiquidade homérica*, *Harpa de Israel*, *Romanceiro geral* e *Cancioneiro popular*.

De João Penha refere-se Formont, ás *Rimas* e considera o um ironista da feição de Heine.

Cita a *Lyra intima*, a *Estatua do poeta*, *Poetas mortos*, *Cancões do berço*, *Occidentales* e *Flôres da noite* de Joaquim de Araujo, e vê o poeta por dois prismas na *Lyra intima*, um, elegiaco nas *Cancões de abril*, outro, artista cheio de vigor nas *Filigranas*. Formont é apenas justo considerando este homem de letras um erudito e um poeta correcto e inspirado.

O sr. conde de Sabugosa, segundo Formont, é um contista elegante e um poeta parnasiano, e, entre alguns trabalhos do sr. conde que não conhecemos cita o *Cahir do Azul* que o sr. Formont conseguiu lêr em francez, devido ao sr. conde de Seisal. Nunca lemos os *Poemitos* mas o illustrado escriptor francez acha-os encantadores.

Entende que Simões Dias, o sympathico auctor das *Peninsulares*, é um poeta popular, e considera *Judith*, *Guitarra de D. Jose* e *Bandoleiro* os melhores versos de Simões Dias. O auctor do *Movement poétique contemporain en Portugal*, admira justamente o bello livro de Simões Dias, *Ruinas*, que elle diz ter «uma alta importancia social, onde o auctor. abandonando uns exageros demagogicos, se mantem n'uma especie de christianismo ideal, e faz da Piedade e do Amor os dogmas essenciaes da sua religião humanitaria.

De Gonçalves Crespo, o poeta saudoso, conhece, o illustrado francez, as *Miniaturas* que são gigantescas de inspiração e valor litterario e os *Nocturnos* obra publicada por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho depois de viuva do poeta. Maxime Formont esquece de Gonçalves Crespo o *Inquisidor*, talvez a obra immorredoura do nosso querido poeta.

Fernando Caldeira é também e com toda a razão, apontado por Formont, como o poeta que mais se aproxima da *maneira* de João de Deus, e entusiasma-se com o seu livro *Mocidades*. Ao encontrar Fernando Caldeira como dramaturgo cita a *Madrugada*, quando a *Mantilha de renda* é a sua obra prima, lembra também os nomes de D. João da Camara e Lopes de Mendonça nas obras theatraes *O duque de Vizeu*, *A morta*, *D. Affonso VI* e *D. Sebastião* (esta ultima deve ser *Alcacer Kibir*) e encontra n'estes trez homens de letras um talento solido e real, dizendo que aos dois ultimos lhe falta esse *divinum quid* que fez do *Fr. Luiz de Souza* de Garrett o typo da tragedia moderna na Europa, como lhe chamou Edgar Quinet.

Em Guerra Junqueiro vê, Formont, residir o dom da satyra unido á mais mordente ironia. Ler Junqueiro lembra-lhe Hugo. *A morte de D. João* conhece-a bem, acha-lhe valor e diz ser o livro que tem tido mais imitadores. Da *Musa em ferias* e *A velhice do Padre Eterno* destaca de este ultimo poema as poesias *Aos crentes* e *A tallá commum*, e é n'ellas que Formont encontra o septicismo, temperado com uma certa tristeza, que dá aos versos do poeta um grande caracter e onde a inspiração ascende por vezes ao sublime. Ao ler *Os simples* compara Junqueiro com o poeta russo Tolstoi e diz que foi este livro que inspirou o *Só* de Antonio Nobre.

Gomes Leal, é, para Formont, um feroz revoltoso e ao mesmo tempo um sonhador como Baudelaire, descreve com amor o crime e a orgia. Refere-se, Formont, a's *Claridades do Sul* em que se lhe deparam qualidades originaes, e acha notavel que o auctor do *Anti-Christo*, atheu e revolucionario, produza um livro edificante e mystico como é a *Historia de Jesus*.

O poeta Manuel Duarte de Almeida, auctor das *Estancias ao infante D. Henrique* e *Vae Victorious* e *Aromatographia* é considerado por Formont um continuador da grande tradição epica nacional.

Jayme de Seguíer é tido no livro de que estamos tratando, *Le mouvement poetique contemporain en Portugal*, como um escriptor de raça, quer na prosa quer no verso. A obra de Seguíer, conhecida de Formont, é os *Allegros e Adagios*.

De Ramos Coelho só conhece a *Homenagem a Camões*, é pouco.

De Guilherme Braga falla das *Heras e Violetas*, *Os falsos apóstolos*, *O Bispo do Pará*, — de Guilherme de Azevedo o antigo director do OCCIDENTE conhece as *Radições da Noite* e *Alma Nova*, — de Cesario Verde traduz o *Responso* e cita a Lisboa nocturna do *Sentimento Occidental* do mesmo auctor.

De Antonio Feijó conhece, Formont, *Lyricas e Bucolicas* e as *Transfigurações*; entende que o trabalho de este poeta tem caracter philosophico e a sua forma é larga e sonora,

(Continúa)

Manuel Barradas.



REVISTA POLITICA

Toda a gente anda por ahi a perguntar uma á outra se o ministerio sae ou fica, e ninguem sabe responder a esta pergunta.

É exactamente o mesmo que acontecerá ao lei-

tor se esperar que lhe digamos, se o ministerio fica ou sae.

Não sabemos.

Entretanto a ebolição vae augmentando, muito principalmente da parte dos regeneradores, que não cansam de bradar, pelos varios orgãos da sua imprensa, contra o governo, que até ha pouco lhe merecia os seus melhores sorrisos, as suas mais amaveis blandicias.

Phenomenos da politica que por extremamente vulgares já não surprehendem ninguem, ainda que produzam situações tão extraordinarias como a actual.

O que se está passando entre as camaras e o governo, não tem precedentes—valha nos ao menos isso, n'esta terra de precedentes — mas por ser muito original, muito novo em folha, não se conclua que estejam agradando extraordinariamente ao publico as scenas que se estão passando no parlamento.

Ha um governo que não merece a confiança da camara, e no emtanto essa camara provocada pelo

Nós comprehendemos que a camara não concorde com as medidas de fazenda propostas pelo sr. presidente do conselho, e que não queira tomar a responsabilidade do decreto de 13 de julho por lhe parecer incompativel com as forças do thesouro, mas o que não comprehendemos é a camara, n'estes casos, dizer ao governo que fique e que se arranje como poder.

Os partidos monarchicos representados na camara estão dando uma triste prova da sua capacidade, por que se não acham convenientes as medidas apresentadas pelo governo, também não sabem como arranjar outras, porque se soubessem, ou as lembravam ao governo, ou as guardavam para seu uso, tratando de depôr o ministerio e formarem um ministerio novo.

D'aqui não ha sahir.

Ora francamente dizer a esse governo: Não merece a nossa confiança politica, mas póde merecer a nossa confiança financeira se arranjar bem as finanças, é inaudito.

Mas se o governo arranjar as finanças, o que se importa a maioria do paiz com a politica?

De politica está o paiz farto até aos olhos, e sabe de mais que senão fosse a tal politica, não teria chegado á anarchia financeira a que chegou.

A politica é que não deixa administrar a fazenda publica e tem feito d'ella uma verdadeira roupa de francezes, e para o confirmar basta saber que para se concertarem as finanças do Estado é que ha dois annos se anda a formar ministerios sem caracter partidario, sem côr politica, mas apezar d'isso os resultados são nullos, porque a politica lá está, e até parece que são mais perniciosos por que assim é preciso contentar os dois partidos.

Mas vamos a saber; o governo sae ou fica?

Nós não desejavamos deixar sem resposta esta pergunta insistente que anda na bocca de todos, e por isso sempre contaremos o que a ultima hora sabemos a respeito do caso.

O sr. presidente, do conselho parece que sempre realisou accordo com os progressistas para apoiarem o governo na camara e serem depois o seu legitimo herdeiro.

Os progressistas ao contrario do que a principio manifestaram, parece que se deixam seduzir e lá vão dar o seu apoio ao governo.

Que lhes preste.

E então o governo sae ou fica?

João Verdades.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1 \$200 réis.

Pedidos á empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» Para 1893

Está quasi esgotada a edição; a capa é um lindo chromo representando esse mimo d'architectura quinhentista — a Torre de Belem.

Preço 200 réis. Pelo correio 220 réis

Adolpho, Modesto & C.^a — Impressores
R. Nova do Loureiro, 25 a39



PELOURINHO DA ALHANDRA

(Desenho do sr. L. Freire)

governo a que vote se tem ou não tem confiança n'elle, não se pronuncia abertamente, reservando o seu voto decisivo só para depois do governo ter arranjado as depauperadas finanças do paiz.

Arranje-se lá com os credores, lhe diz, veja se equilibra o orçamento, e então a camara se pronunciará, pondo o governo no olho da rua.

O mais novo do caso, porém, é que a mesma camara, mostra se pouco inclinada a approvar as medidas financeiras propostas pelo governo, e o paiz ainda menos inclinado a acceitar essas medidas, na parte que respeita ao aggravamento de impostos, e n'estas circunstancias não se sabe como o governo ha de concertar as taes finanças.

O sr. presidente do conselho já declarou que não faz questão das suas medidas de fazenda, desde que as substituam por outras que dêem para o thesouro a mesma receita, mas a camara não está resolvida a entrar na collaboração, e d'este modo ainda menos se sabe como o governo e camara se poderão entender.

O que se dá com as novas medidas de fazenda, dá-se com o negocio dos credores estrangeiros, em que a commissão de fazenda quer resalvar a sua responsabilidade do pagamento de um terço de juros em ouro dos titulos da divida externa.